

SANTO AGOSTINHO: INTERIORIDADE E MEMÓRIA

Roberto José da Silva

Mestre em Teoria Literária e Professor da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

RESUMO

O presente trabalho é uma apresentação do conceito de interioridade e memória postulado por Santo Agostinho em sua obra *Confissões*. Santo Agostinho, a partir de suas próprias experiências escreveu e deixou-nos um interessante trabalho que até os dias atuais é discutido e estudado entre os pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento. No texto aqui apresentado faço um estudo dessa obra discutindo como Santo Agostinho elaborou seus conceitos sobre interioridade e memória, e que teve como base central a fé em Deus.

Palavras-chave: Santo Agostinho; interioridade; memória; fé; tempo,

SAINT AUGUSTINE: INTERIORITY AND MEMORY

ABSTRACT

The present paper is a showing of concept of interiority and memory postulated for Saint Augustine in his work *Confessions*. Saint Agustin, from his own experiences wrote and left us an interesting work that until our days is studied among reseachers of many areas of knowledge. In the text presented I do a study of this book debating as Saint Agustin elaborated his concepts about interiority and memory and that he had as central point the faith in God.

Key word: Saint Augustine; interiority; memory; faith; time

Introdução

Eu, Senhor, cogito este problema, trabalho em mim mesmo, transformei-me numa terra de dificuldades e de suor copioso. Agora já não escalo as regiões do firmamento; não meço as distâncias dos astros; não procuro as leis do equilíbrio da Terra; sou eu que me lembro, eu, o meu espírito (*ego animus*). Não é de admirar que esteja longe de mim tudo o que não sou eu. Todavia, que há de mais perto de mim do que eu mesmo?

Oh! Nem sequer chego a conhecer a força (*vis*) da minha memória, sem a qual não poderei nem dizer mesmo eu (*epsum me*)! Que direi eu, pois, quando tenho certeza de que me lembro do esquecimento? Poderei afirmar que não existe na minha memória aquilo de que não lembro? Ou então, que o esquecimento está na minha memória, para que o não esqueça? (AGOSTINHO, 1973, X, 16, 25).

Com essa significativa indagação, no limiar do Livro X de suas *Confissões*, obra autobiográfica, Santo Agostinho dá início à questão filosófica e sistemática de interioridade e memória, problematizada até os dias atuais.

Neste texto discutirei a questão da interioridade e da memória; no entanto, é importante ressaltar que interioridade e memória, na maioria das vezes, aparecem concomitantemente, pois a memória para Santo Agostinho é explicada numa busca interior.

Breve Biografia

Santo Agostinho – Bispo de Hipona – nasceu em 354 na pequena Tagaste, aldeia norte-africana do Império Romano. Pertencente a uma família humilde, o pai era pagão e a mãe, Mônica, cristã. Ela foi uma grande mestra em sua vida. Nessa pequena cidade Santo Agostinho cursou o primário e o ensino médio em Madaura, cidade vizinha, e tem bons êxitos nos estudos,

principalmente em latim. Graças a um generoso mecena, Santo Agostinho conseguiu fazer estudos superiores de Retórica e Artes Liberais em Catargo. Nesse ínterim se apaixonou por uma mulher – concubina - e teve um filho - Adeodato. Assim que se formou exerceu o magistério como professor particular de gramática em Tagaste. Depois conseguiu uma cátedra de Retórica numa escola pública de Catargo. Nessa cidade teve contato com o maniqueísmo e aceitou seus dogmas e doutrinas. Os maniqueístas, segundo Gabriel del Estar, “são homens com fama de inteligência ilustrada”.

Esses homens seguem e ensinam uma doutrina filosófico-religiosa sobre a natureza do universo em geral e do homem em particular. A chave de seu conhecimento e sua mais profunda razão dialética são os dois princípios do dualismo ontológico, significados éticos e metafisicamente pelas categorias supremas do bem e do mal, vulgarizadas pela escola gnóstica (ESTAR, 1999, p. 39).

De Catargo foi para Roma, onde abriu uma escola particular de Arte Retórica durante o período de um ano. Em seguida, candidatou-se a Cátedra Imperial de Retórica e Artes Liberais em Milão e conseguiu este posto. Nesse ofício Santo Agostinho gozou de grande prestígio. Ali em Milão Santo Agostinho fica em torno de quatorze anos junto com sua concubina, mas acabaram se separando por causa da lei *Julia e Papia Poppaea* que estabelecia a proibição de casamento entre os contraentes do matrimônio por desigualdade de classe em termos de dignidade ou de posição. Como a concubina de Santo Agostinho era também de família humilde teve de partir para Tagaste, pois não poderia se casar com ele, pois este agora era um homem nobre. Santo Agostinho, no entanto, lamenta isso e declara amor infinito à concubina e nunca mais conhecer outra mulher.

Em Milão Santo Agostinho atravessou um período de crise de ceticismo: a verdade se apresenta como inaceitável. Nessa cidade ele também é atraído pelo neoplatonismo, que lhe agrada, sobretudo, pela espiritualidade fundada no desprezo das paixões. De fato, a partir daí passou a sentir profunda exigência de libertar-se da escravidão dos sentidos. Em sua ajuda veio a pregação do Bispo Ambrósio, a quem começa a ouvir com frequência. Além do mais, Ambrósio interpretava a Sagrada Escritura de um modo que se tornava aceitável para Agostinho, mesmo as passagens que até então eram incompreensíveis para ele. Durante uma vigília pascal em 387, quando tinha 32 anos, o bispo Ambrósio batizou a Santo Agostinho, um amigo seu, Alípio, e ao seu filho - Adeodato. Os três passam sete meses em retiro em Cassiciaco, na Itália. E, então partiu, para África onde funda uma comunidade religiosa em Tagaste. Quatro anos depois Agostinho foi ordenado Bispo de Hipona e arrasta inúmeros discípulos. Por fim em 430, morre com setenta e seis anos.

A obra de Santo Agostinho está intrinsecamente ligada à sua vida e a relação de reiteração de uma concepção de filosofia como exercício permanente da razão, exercício em vista da transcendência, mediante aquilo que é acessível à condição humana. E tais exercícios mostram que a filosofia é um projeto de busca da sabedoria, progressivamente consciente de seus limites e de sua incontornável dependência. Disso decorre, por sua vez, uma impossibilidade de um sistema doutrinário que tivesse pretensões ao esgotamento de um projeto ligado à sabedoria, nos marcos de uma razão insuficiente. Ora, se há uma doutrina, ela será para Santo Agostinho não a sua própria, mas a doutrina cristã, pois ele entendeu que sua tarefa era a permanente indagação, em vista da elucidação dessa doutrina cristã. Essa sua concepção filosófica percorre toda sua obra, como exemplo de uma vida

esplêndida marcada por indagações e depois a conversão. Dentre suas obras mais notáveis estão: *Confissões*, *A Trindade*, *Contra Acadêmicos*, *Vida Feliz*, *A ordem*, *Solilóquios*, *O livre arbítrio* e *Retratações*.

Interioridade

Em todo o Livro X das *Confissões*, Santo Agostinho demonstra a sua incansável busca a Deus; no entanto, Santo Agostinho não encontra Deus no além, mas dentro de si:

Vós, Senhor, podeis julgar-me, porque ninguém conhece o que se passa num homem, senão o seu espírito, que nele reside. Há, porém, coisas no homem que nem sequer o espírito que nele habita conhece. Mas Vós, Senhor, que o criastes, sabeis todas as coisas. Eu, ainda que diante de Vós me despreze e me tenha na conta de terra e cinza, sei que Vós algumas coisas que não conheço de mim. Nós agora vemos como por espelho, em enigma, e não ainda face a face. Por isso, enquanto peregrino longe de Vós, estou mais presente a mim do que a Vós. (AGOSTINHO, 1973, X, 5)

Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós! (Ibid, X, 27, 38)

Essas duas passagens demonstram que Santo Agostinho encontra Deus na sua alma, no seu interior, e não no exterior; além disso, para que ele passe a se auto-conhecer deve, primeiramente, conhecer a Deus, deve primeiro buscá-Lo, pois Deus o conhece mais que a si mesmo; e, assim, se dá a busca de Santo Agostinho a Deus.

O princípio e fundamento da filosofia de Santo Agostinho é o conhecimento de si mesmo,

base do conhecimento certo. Ele sempre se remeterá a uma reflexão fundamental de retorno ao eu interior. Segundo Juárez (1996, p. 20), “Santo Agostinho inventou três novos gêneros literários de retorno à interioridade: o solilóquio, a confissão e a retração, convertidos em modelos clássicos amplamente imitados”.

Sócrates, Sêneca e outros já haviam praticado a via interior, no entanto, a referência para Santo Agostinho foi Platão. Toda a perspectiva de Santo Agostinho foi influenciada pelas doutrinas de Platão. Seu contato com essas doutrinas teve um papel crucial em seu desenvolvimento espiritual. Ele conseguiu libertar-se dos últimos grilhões da falsa visão maniqueísta quando finalmente passou a ver Deus e a alma como imateriais. A partir de então, para Santo Agostinho, a oposição cristã entre espírito e carne devia ser compreendida como o auxílio da distinção platônica entre o corporal e o não corporal.

A filosofia agostiniana está apoiada no impulso recíproco da fé e da razão, pois reconhece no mundo sinais de Deus como absoluto e presente, superior e interior. O itinerário até Deus é, de uma parte, ascendente e, de outra, interiorizante. Nessa dupla face permite a compreensão de que a natureza e a identidade do homem só podem ser verdadeiramente encontradas, em outra parte, em Deus. Essa tese põe em voga o lugar do espírito humano na hierarquia do mundo. A introspecção concerne à alma na exata medida em que as almas humanas são o núcleo do universo criado. Sinal disso é a importância da confissão; introspectiva por excelência, não é uma atividade restrita a conteúdos privados, as lembranças pessoais. Seu papel é investigar o homem, mas também o mundo, e reconhecer uma ordenação voltada para Deus. A alma humana exibirá sua centralidade quando for compreendida

fundamentalmente como esforço, como procura, como vontade.

Em toda sua vida, Santo Agostinho esteve à procura da verdade, construindo um caminho para a compreensão sobre o ser humano. Essa busca pela verdade foi efetivada na união entre razão, vontade, fé e vida. Seu pensamento é refletido a partir da sua vida, baseada em fatos concretos ao interagir com pessoas, situações e ambientes. A alma, para Santo Agostinho, era considerada o lugar onde os embates da vida eram decididos e também o caminho por onde o ser humano encontra o verdadeiro ideal e sentido de existência como sede da verdade e *locus* de acesso ao sublime.

Nesse sentido, investigar a alma leva Santo Agostinho ao princípio da interioridade, pois é no íntimo dela que o ser humano encontra a verdade. Sua investigação sobre a alma levou-o ao princípio da interioridade, e foi entendido como um movimento pelo qual o ser é capaz de identificar, no seu íntimo, na alma, a verdade. Esse processo envolve tanto a compreensão e aceitação racional, como a conversão pessoal que integra vontade, sentimentos, fé e atitudes. Desse modo, a filosofia da interioridade de Santo Agostinho na busca pelas verdades eternas está baseada na sua própria vida, num movimento que se estabelece na oposição. Para Santo Agostinho, a verdade é encontrada no interior do ser humano pelo conhecimento humano, no intelecto, pela graça; e não no mundo, na ciência e nos sentidos.

Santo Agostinho para desenvolver sua tese sobre a interioridade parte de sua peregrinação no mundo exterior para o interior. Nesse sentido, *Confissões* é a obra que retrata fielmente o caminho percorrido por ele, a partir de suas experiências, em busca do conhecimento de si como pressuposto para se chegar às verdades sólidas e perenes, pois o mundo exterior apenas lhe apresentava o oposto: o efêmero e sensível.

Em *Confissões*, o Bispo de Hipona relata suas experiências, a partir de suas inquietações interiores. Ao relatar sua vida nessa obra também tangencia experiências em sua alma. Na sua vida passou por experiências que envolveram pessoas com quem viveu, conhecimento de teorias filosóficas, amor e conversão; e tudo isso também marcando fortes momentos de experiências interiores e que, às vezes, faziam com que ele se afastasse do mundo exterior.

Além disso, sua conversão ao cristianismo foi decisivo em sua vida, pois além de proporcionar-lhe um novo e radical modo de vida, também contribuiu para novas idéias e comportamentos pessoal. Foi a partir de sua conversão que culminou em si o processo de auto-conhecimento e descoberta de seu interior como forma a qual Deus se faz presente na alma. É a partir de sua conversão que Santo Agostinho consegue traçar o ponto de encontro entre fé e razão e equilíbrio entre inteligência e vontade. Foram, pois, a partir do neoplatonismo e da escritura cristã que proporcionaram a Santo Agostinho material fértil para o desenvolvimento de suas idéias a respeito de Deus e da alma humana e, por conseguinte, sobre o mal, o pecado, a graça, o tempo e tantos outros temas, mas tendo sempre a interioridade como base.

A partir de sua experiência com dilaceramentos interiores, Santo Agostinho traçou o conceito da vida interior como pressuposto para o conhecimento de Deus. Assim, a alma contém as impressões das verdades eternas, de modo que o ser humano deve voltar-se para si mesmo, pois nesse processo de conhecimento em busca das verdades eternas chega-se a realidade – Deus.

Entrei e, com os olhos da alma, destes meus olhos, e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável. Não era uma luz vulgar e evidente a todos os olhos da carne, ou uma luz mais forte do mesmo gênero. Era com

se brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta, mas totalmente diferente das luzes desta terra (AGOSTINHO, 1973, VII, 10, 16).

E é nesse processo que temos o dilema externo e interno na busca da interioridade, pois o caminho percorrido por Santo Agostinho é sua vida, e de que a verdade não está fora, mas dentro de si. Trata-se de um caminho em sua vida percorrido do exterior para o interior, do mundo das paixões e das coisas em si mesmas para a sabedoria, a paz e o olhar divino da alma.

Nesse percurso Santo Agostinho, para conhecer a si mesmo, procura um Deus perdido, mas não inteiramente esquecido. Segundo Weinrich (2001, p. 48),

.... da profundidade da memória Deus envia um sinal com o qual o ser humano pode sair dos enganos e de seu esquecimento. São as idéias eternas que Deus plantou de Si na memória de todos os seres humanos, ainda que estes nem saibam e nem queiram. No começo, essas idéias eternas existem nos seres humanos apenas ocultas, “latentes”, mas por esforços adequados do espírito podem ser elevadas até à consciência e assim apontar o caminho para Deus.

Santo Agostinho pensou de modo “bem parecido como Platão”: não uma re-lembrança de uma idéia anterior ao nascimento, mas uma pré-recordação implantada junto com o nascimento e nessa medida apriorística, em um saber que deve ser desenvolvido em vida e que culminará no conhecimento de Deus. Assim, Deus está no mais íntimo do ser: “Se Deus me é interior, mais interior do que eu a mim mesmo, é que Deus é a verdade” (AGOSTINHO, 1973, I, 1, 1).

Santo Agostinho foi, como ninguém, investigador da felicidade e investigador da verdade. Mas cumpre acrescentar que em Santo Agostinho esta dupla investigação constitui uma

só: “Invoco-te, ó meu Deus, Verdade!” (Ibid, I, 1, 1).

Esta exclamação brota do fundo da alma de Santo Agostinho: bem, felicidade e verdade, são para ele inseparáveis. A procura de Santo Agostinho a Deus é como quem sabe e ama o que busca. Por essa razão, a inquietude da alma vem a ser como uma súplica de toda a sua vida. É à luz desta busca incansável que devemos encontrar o cerne da vida de Santo Agostinho.

Por meio dos conceitos de Santo Agostinho chega-se à conclusão de que a alma encontra a Deus especialmente em si mesma, graças à lei divina, que se encontra gravada no espírito do homem. Esse conhecimento interior, essa ciência é precisamente a lei de Deus, que permanece sempre fixa e imutável na alma. Se pode também considerar Deus como impresso na alma, mas no sentido profundo de que a alma é constitutivamente imagem de Deus. Segundo Pegueroles (1972, p. 54), “Santo Agostinho, baseado na bíblia, I Coríntios (13; 12), diz: chegamos a conhecer a Deus porque vemos refletida sua imagem em nós. Este tem sido o propósito: fazer ver de alguma maneira, como em um espelho, a nosso Fazedor, por meio desta imagem sua que somos nós”.

Santo Agostinho considera a luta pela verdade e pela santidade, antes de tudo, como um negócio pessoal entre a alma individual e Deus. O Verbo encarnado, o guia que se deve seguir é a luz que ilumina o interior da alma, é o interior da sua humanidade, é o esposo da alma, que atua nela e vive com ela. E quando a alma encontra a Deus, Este passa a regê-la. A presença inefável de Deus na alma vem expressa em várias formas: “Deus rege a alma sem qualquer intermediário. Não é pelos corpos, nem pela natureza, que o espírito encontra a Deus; depara-O no mais íntimo da alma; de todas as criaturas, a alma é a que mais se achega a Deus. Deus vive ocultamente na alma”(AGOSTINHO,

1973, I,4,43). Mas para se chegar à Verdade, Deus, é necessário receber a iluminação pela fé; no entanto, não basta apenas conhecer a Verdade, mas sim possuí-la pelo amor:

Por meio da fé chegamos à Verdade, mas ainda de maneira velada. A inteligência e a sabedoria nos fazem descobrir nela o sentido; a primeira por uma visão simples, antes de tudo especulativa; a segunda por um juízo de valor inspirador, diretamente, pela caridade de que nos une, intimamente, a Deus (MISIARA, 1955, p. 107).

Para Santo Agostinho, as verdades da fé não são atingíveis pela razão, mas acreditava ser possível demonstrar o acerto de nelas se crer. Fé e razão guardariam, portanto, estreita relação, daí a sua máxima, inspirada num versículo de Isaías (7; 9): “compreende para crer, crê para compreender”. A razão precede a fé ao menos para assegurar que esta é útil; mas para a fé, ainda principiante, não basta crer, ela busca também compreender e nesse movimento é ultrapassada pela inteligência que subsistirá eternamente. Agostinho não procura uma fé cega. Reconhece certo exercício da razão anterior à fé. Para Agostinho, o bom método é crer primeiro, para entender depois, é a razão quem a faz ver. Para alcançar a verdade, a filosofia tem que operar depois e dentro da fé. Segundo Santo Agostinho só a razão, a filosofia, não resolvem o problema do fim do homem, não alcançam a verdade plena e certa sobre Deus e do homem.

Memória

Falaremos agora sobre a memória, mas é importante ressaltar que daremos seqüência a fatores pertencentes à interioridade, pois ao discorrer sobre a memória na obra de Santo Agostinho concomitantemente, e obrigatoriamente, devemos falar dos aspectos relativos a interioridade.

A idéia popular e ampla de memória é conhecida por nós como a propriedade de tornar o passado em presente, faculdade de reter idéias, impressões e conhecimentos adquiridos.

Por memória ainda pode-se entender a capacidade que possui o espírito de fixar, conservar e reproduzir, sob a forma de lembranças, as impressões experimentadas anteriormente. A memória abrange todo o campo da vida psíquica. A memória compreende as seguintes capacidades: fixação, conservação, evocação, reconhecimento e localização. A memória apresenta os seguintes tipos principais, caracterizados pelo predomínio de certas imagens: memória sensível, memória intelectual, memória afetiva. A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não volta mais. Como consequência da diferença temporal – passado, presente, futuro – a memória é uma forma de percepção interna chamada introspecção, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relativo ou registrado por outros em narrativas orais ou escritas.

O filósofo francês Bergson (1990) distingue dois tipos de memória:

a) memória – hábito; e b) memória pura ou memória propriamente dita. A primeira é aquela que se dá por repetição e por atenção deliberada para fixar alguma coisa; a segunda é aquela que se dá espontaneamente pela força ou pelo impacto de alguma coisa ou de algum acontecimento dotado de significado importante em nossa existência, um fluxo temporal interior. (p. 83-153)

Em suma, a memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a

relação como o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado.

Para os especialistas clínicos dos nossos tempos o conceito de memória não está distante dos abordado acima, no entanto eles conseguiram definir e caracterizá-la com maior precisão.

Para Tomaz e Costa (2001), a memória pode ser diferenciada por duas linhas, a saber, filogenética e ontogenética.

A primeira está presente em todos os seres vivos e determina a seleção de caracteres biologicamente vantajosos e ao longo de muitas gerações e é transmitida às gerações seguintes geneticamente. A segunda trata-se de uma aquisição por cada indivíduo por meio de suas experiências cotidianas através do processo de aprendizagem (TOMAZ; COSTA, 2001, p. 146-160).

Além disso, na memória ontogenética existem três sistemas de memórias, a saber: memória de curto prazo (MCP), memória de longo prazo (MLP) e a memória operacional. “O último sistema para alguns teóricos estaria no meio das duas primeiras por referir-se a uma memória que codifica o contexto temporal específico da informação e que pode ser “apagada” depois de ter sido utilizada” (TOMAZ; COSTA, 2001, p. 146 – 160).

Esse novo sistema de memória proposto por Bradley et al. (1992) trouxe uma nova concepção às operações de retenção de curta duração. O primeiro sistema (MCP) refere-se a uma memória instável, de capacidade limitada, por isso de curta duração. Ela armazena pequenas quantidades de informações por um período de tempo limitado, preservando, por sua vez, a informação por repetição no sistema de memória. Nesse caso o tempo por ser uma variável crítica, leva ao decréscimo da retenção da informação. O segundo sistema (MLP)

armazena grandes quantidades de informações por um período definido de tempo. As informações que são repetidas na memória de curto prazo podem, por sua vez, resultar em memórias de longo prazo, num processo chamado de consolidação da memória. Nesse caso o tempo é mais estável e a informação pode ser evocada futuramente por estímulos de alguma forma relacionados a ela.

Ainda dentro do sistema de memória de longo prazo podemos encontrar dois tipos de memórias de acordo com seu conteúdo: memória explícita ou declarativa e memória implícita ou não declarativa:

A primeira refere-se às recordações conscientes de fatos e eventos prévios na vida cotidiana do ser humano; já a segunda refere-se às recordações conscientes de fatos e eventos prévios na vida do indivíduo. Ainda a memória explícita ou declarativa compreende dois tipos de memórias: a semântica e a episódica. A primeira refere-se a conhecimentos independentes do contexto, como conhecimentos aritméticos, geográficos e históricos; a segunda representa fatos ou eventos vividos em um contexto especial e temporal específico (TOMAZ; COSTA, 2001, p. 146-160).

Dessa forma temos o seguinte esquema:

MEMÓRIA

- Filogenética
- Ontogenética
 - ♥ curto prazo
 - ♥ operacional
 - ♥ longo prazo ♠

explícita

- * episódica
- * semântica

implícita ♠

- * hábitos/habilidades
- * condicionamento

(TOMAZ; COSTA, 2001, p. 146-160).

Santo Agostinho não fez uma classificação clínica e tão complexa como essa acima. Sua teoria sobre a memória é mais simples, mas não menos importante. A base para sua teoria estava na interioridade, e o lugar ideal clássico para estudar a noção de memória transpsicológica abordada por Santo Agostinho está no livro X de *Confissões*. Trata-se de uma ascensão em busca de Deus, semelhante a outras repartidas por toda a obra agostiniana. Santo Agostinho busca a Deus na memória psicológica. Faz um inventário para ver se nela encontra a Deus:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. (AGOSTINHO, 1973,X, 8/12)

“E grande esta força de memória, imensamente grande, ó meu Deus. É um santuário infinitamente amplo. Quem o pode sondar até o profundo. Ora, esta potência é própria do meu espírito, e pertence à minha natureza. Não chego, porém, a aprender todo o meu ser.

Os homens vão admirar os píncaros dos montes, as ondas alterosas do mar, as largas correntes dos rios, a amplidão do oceano, as órbitas dos astros: e nem pensam em si mesmos! (Ibid, X, 8, 15)

Essa passagem revela as incontáveis imagens na memória ali localizadas. Essa é a imensidade e a riqueza do mundo que Santo Agostinho descobre no interior da memória e profundidade abismal do espírito humano.

Santo Agostinho não encontra Deus na memória, posto que nem só os homens têm memória, não é o mundo do Divino, pois as bestas e aves e outros animais também têm. Portanto, Deus tem que ser encontrado acima da memória, temos de transcender. É importante ressaltar a dificuldade de Santo Agostinho na procura de Deus. Não pode achá-Lo fora, porque

então achá-Lo seria perdê-Lo. Para explicar essa questão, a busca a Deus, Santo Agostinho assume a teoria platônica de que todo conhecimento supõe um pré-conhecimento, e todo conhecimento é um reconhecimento. A partir dessa teoria Santo Agostinho formula a noção de memória para encontrar Deus. Santo Agostinho eleva à categoria metafísica o fenômeno do recordar-se. Para Santo Agostinho, não podemos encontrar Deus, se não reconhecemos; não podemos conhecer, se não recordamos.

Desse modo, Deus não pode ser encontrado na memória. Só podemos conhecer Deus se acordamos para Ele. Santo Agostinho não encontra Deus na memória psicológica, memória do passado. Para Santo Agostinho, temos de deduzir que existe em nós outra memória, mais funda ou mais alta, que não se alcança pela introspecção, mas só através da reflexão, que Santo Agostinho chama de memória do presente e que podemos chamar de memória transpsicológica ou metafísica. Desse modo, Santo Agostinho encontra Deus na memória transpsicológica, no interior do espírito, onde Deus sempre tem estado presente, orientando e finalizando seu dinamismo cognoscitivo e volitivo.

No entanto, para chegar a Deus e ser feliz é preciso um estado de harmonia do ser humano, condições de ordem intelectual e moral, cultivo da mente e purificação das paixões, que asseguram a contemplação serena da verdade. Há uma luz eterna da razão que procede de Deus e atua a todo o momento, possibilitando o conhecimento das verdades eternas. Assim, como os objetos exteriores só podem ser vistos quando iluminados pela luz do sol, também a verdade precisaria ser iluminada pela luz divina para se tornar inteligível. A iluminação divina, contudo, não dispensa o homem de ter um intelecto próprio; ao contrário, supõe sua existência. Deus não substitui o intelecto quando o homem pensa; a iluminação tem apenas a

função de tornar o intelecto capaz de pensar corretamente em virtude de uma ordem natural estabelecida por Deus. Essa ordem é a que existe entre as coisas do mundo e as realidades inteligíveis correspondentes, denominadas por Santo Agostinho com diferentes palavras: idéias, formas, espécie, razão ou regra. As verdades não podem entrar pelos sentidos; estão dentro, impressas por Deus no espírito; portanto, em forma de noções.

As verdades eternas e imutáveis do mundo das idéias de Platão radicam, conforme Santo Agostinho, em Deus, que é a Verdade. Estas não precisam ser nem lembradas, nem recordadas, como entendia Platão, sim conhecidas pela lembrança agostiniana, é, pela interiorização da consciência, em virtude de que a própria inteligência fica sabendo da presença de Deus.

Com efeito, a iluminação é a presença e imagem de Deus na alma. A alma, por sua vez, não permanece encastelada em seu interior, nem se reconcentra sozinha em si. Ela se abre para o alto, e este ponto é decisivo, pois com o intuito de fugir do isolamento, a alma se refugia em Deus. E é essa imagem que a alma ama, por meio de um pré-conhecimento.

Para Santo Agostinho, a alma só pode amar a Deus, porque ela já tem um breve conhecimento Dele. É claro, pois, que ninguém ama o desconhecido. Para poder tender a um objeto é necessário que a alma já possua dele uma representação prévia, por vaga ou confusa que seja. Ela forja em seu interior uma figura daquilo que deseja atingir. E o que é mais: ela tem amor a esta imagem, a ponto de sentir-se desiludida se o objeto for desconforme àquela imagem ideal.

Podemos entender que devemos então ajuizar corretamente a nossa alma e a nossa natureza, a fim de tomarmos o lugar que nos compete no conjunto das coisas, acima das que

estão confiadas ao nosso governo e abaixo das que reclamam a nossa sujeição.

Para Santo Agostinho, não vemos a verdade porque, muitas vezes, é difícil e elevada, mas também, porque não queremos vê-la, ou porque não somos dignos de vê-la. Santo Agostinho insiste continuamente na necessidade primordial de purificar o olhar para si. Deus está sempre presente no espírito; se este não se conhece, não é por falta de claridade, por falta de presença, mas sim porque o olhar interior não está claro, porque não está purificado, porque não há renúncia ao pecado. Infelizmente a concupiscência e a soberba levam o espírito a esquecer-se de si mesmo, devido aos seus apetites malsãos e desordenados. Uma vez iniciado este movimento, ele já não encontra satisfação em coisa alguma. Na sua indignação entrega-se desordenadamente às suas próprias atividades, às sensações, e aos seus deleites inquietos. E, assim, cai numa espécie de vertigem, lançando-se desenfreadamente sobre as coisas sensíveis, com as quais passa a identificar-se. Desse modo, a alma se esquece inteiramente de si mesma e perde a consciência do seu eu mais nobre; o próprio Santo Agostinho passou por isso na ingenuidade do seu materialismo. A alma, por sua vez, busca a si mesmo numa tarefa mais da vontade e do amor do que do entendimento.

Ainda sobre a memória, Santo Agostinho esboça uma teoria a respeito do tempo da memória, um tempo interior à alma. Primeiramente, para Santo Agostinho, o tempo só surge a partir do surgimento do mundo. O tempo foi criado quando Deus criou o mundo. No entanto, a grande questão que interroga Agostinho é como o tempo pode ser, se o passado não é mais, o futuro não é ainda e o presente não é sempre. Por outro lado, indaga-se como se pode medir o que não é. Então, Santo Agostinho chega a uma solução plausível, a

teoria do triplo presente, para a questão do ser e do tempo. Segundo Santo Agostinho, nós não temos presente, passado e futuro, mas três modalidades do presente, um presente das coisas passadas, um presente das coisas presentes, e um presente das coisas futuras. O presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presentes é a vista, e o presente das coisas futuras é a espera. O ponto capital da solução por Santo Agostinho sugerida é o de que o tempo é subjetivo: o tempo está na mente humana, que espera, considera e recorda, e falar de tempo antes da criação é coisa sem sentido.

Com efeito, para Santo Agostinho, quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas, é da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que estão gravadas no espírito, como impressões, passando pelos sentidos. A previsão é explicada de um modo um pouco mais complexo; é graças a uma espera presente que as coisas futuras estão presentes a nós como porvir. Temos delas uma pré-percepção que nos permite anunciá-las antecipadamente. A espera é assim análoga à memória e consiste numa imagem que já existe no sentido de que precede o evento que ainda não é; mas essa imagem não é uma impressão deixada pelas coisas passadas, mas um sinal e uma causa das coisas futuras que assim são antecipadas, pré-percebidas, anunciadas, preditas, proclamadas antecipadamente. De acordo com Ricouer (1997, p. 34), “o espírito espera e recorda, e, contudo, a espera e a recordação estão no espírito, a título de imagens - impressões e imagens - signos”.

Santo Agostinho ao narrar suas *Confissões* confronta o tempo presente e o tempo vivido. Há um jogo de identidades, a identidade da redenção com a do pecado. A primeira corresponde à da vida profana; já a segunda corresponde à da redenção, da virtude que está

assegurada no Tu, Deus. Nas *Confissões* o autor confronta o tempo atual, em que está escrevendo a obra, com o tempo passado, o do objeto da sua narração. Esse confronto corresponde à vida do autor já convertido pelo cristianismo no tempo presente, com a vida pecaminosa, maniqueísta, no passado. O interessante disso tudo não é apenas a história narrada, mas a reflexão perpétua que acompanha a narração. É a primeira vez que se percebe narração e tempo narrado simultaneamente. Também notamos a distância da temporalidade humana e a divina; a humana corresponde ao pecado; a divina à redenção.

Com efeito, Santo Agostinho em *Confissões* tem por intuito não apenas relatar os seus pecados na sua vida mundana e sua conversão, mas sim convencer o leitor à conversão. Nessa obra Santo Agostinho demonstra o seu ato de fé, que o levou à conversão. A sua autobiografia é direcionada àqueles que são iluminados por Deus, àqueles que querem ser instruídos na fé, e não apenas para que se lêem a obra como qualquer outra. A consistência de sua autobiografia, que tem por objetivo persuadir o leitor, está no Tu, Deus. Santo Agostinho escreve para três interlocutores: para o Tu, para mim, e para os seguidores da fé.

As *Confissões*, enquanto obra autobiográfica, tem sua veracidade na sinceridade de Santo Agostinho. Essa sinceridade está calcada na presença de Deus no interior de Agostinho, pois as *Confissões*, segundo o Bispo de Hipona, vêm do seu mais íntimo. Se Deus está no mais íntimo de Santo Agostinho, repousado na alma, no interior, e se Deus conhece mais a Santo Agostinho do que este a si mesmo, logo, as *Confissões* estão sob a iluminação divina, a narrativa é verdadeira, pois Deus não mente.

É desse modo que Santo Agostinho se recorda dos acontecimentos passados na sua vida, que são o objeto da sua narração. Essa

recordação se faz por meio de rastros e imagens impressas na alma com índices temporais. Mas isso só é possível por causa da presença de Deus na alma e da iluminação divina no interior dela. Deus ilumina o interior da alma, de modo que ela se recorda das imagens que estão impressas em si. No entanto, essa iluminação só é possível pelo fato de Santo Agostinho ter fé em Deus e Este permanecer nela. E assim, Santo Agostinho consegue se recordar dos fatos ocorridos na sua vida passada e escrever no tempo presente. São fatos que registram a sua vida no pecado, na época em que era maniqueísta e, também, o momento de sua conversão. É importante ressaltar que, mesmo, quando Santo Agostinho era maniqueísta, há dados que comprovam que ele sabia da existência de Deus e nunca a havia negado-O. No entanto, ele não tinha fé, não cria, logo não era iluminado, não podia encontrar a Deus, e tampouco encontrar a verdade. Desse modo, não podia saber de si, pois, como ele mesmo disse, só se pode realmente saber de si por meio da ajuda de Deus. E é por meio dessa iluminação divina que Santo Agostinho escreve suas *Confissões*.

Na primeira citação desse texto, retirada da obra *Confissões*, livro X, 16, 25, Santo Agostinho, por meio de uma linguagem metafórica, reflete a respeito da sua vida anterior frente a conversão. A discussão é a respeito do tempo em que era maniqueísta e não tinha recebido a iluminação divina. As metáforas que ali aparecem referem-se ao tempo em que Santo Agostinho vivia uma vida materialista calcada nas doutrinas maniqueístas. Em outras palavras, Santo Agostinho vivia no mundo das leis dos homens, desconhecia as leis divinas, não conhecia a Deus, de modo que também não conhecia a si mesmo. No entanto, após sua conversão já não procurou mais as leis de equilíbrio da terra, as coisas mundanas, quando foi maniqueísta. Se Deus está repousado em sua

alma, e esta estando iluminada pelo espírito de Deus se recorda das imagens gravadas nela, e logo pode lembrar-se de si. E, desse modo, Santo Agostinho está mais perto de si mesmo, pois pode recordar de tudo pelo seu espírito.

Em relação ao esquecimento, podemos dizer que a alma não consegue lembrar-se das imagens quando não é iluminada por Deus. A alma estando iluminada pode rastrear as imagens que estão em si, caso contrário isso não é possível. Mas para que a alma seja iluminada, precisa ter a vontade de ser iluminada, precisa buscar a Deus. Quando ela encontra a Deus, que já está repousado nela, Deus a ilumina, de modo que ela pode lembrar-se de todas as imagens que estão em si. Mas para isso é preciso crer, ter fé, e então buscará a verdade, e a verdade é Deus. Mas se a alma não crer, não busca a verdade, não pode encontrar a Deus, e conseqüentemente não pode encontrar a si, de modo que não pode lembrar das imagens que estão em si. Segundo Santo Agostinho, isso é o esquecimento, e o que causa esse esquecimento, essa distância a Deus, é justamente a concupiscência e a soberba.

Enfim, a obra *Confissões* está baseada numa narrativa onde é relatado a vida pecaminosa de Santo Agostinho e depois sua conversão. Em muitos momentos vemos também a busca de Santo Agostinho a Deus para resolver seus problemas, essa busca se dá em seu interior e não em qualquer outro lugar. No entanto, essa busca está calcada na fé, reforçada pela oração. Nessa obra autobiográfica podemos, por fim, perceber não apenas o relato da biografia do autor, mas também a sua fé a Deus, e seu intuito constante em persuadir a todos que lerem sua obra, a se converter e a buscar a luz divina, como ele fez. Além disso, essa obra trouxe para a humanidade conceitos e discussões muito relevantes ulteriormente sobre a interioridade e memória.

Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, Santo. **A trindade**. Trad. de Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. de J. O. Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril, 1973.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã desde as origens até Nicolau de Cusa**. Trad. de Raimundo Vier. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- BRADLEY, M. M. et al. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, v. 18, n. 2, p. 379-390, mar. 1992. <http://dx.doi.org/10.1037/0278-7393.18.2.379>
- CHAUÍ, M. H. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- CUVILLIER, A. **Manual de filosofia**. Trad. de Vieira de Almeida. Porto: Educação Nacional, 1948.
- ESTAR, G. del. **Santo Agostinho e sua concubina de juventude**. Trad. de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 1999.
- FIORIN, J. L. Temporalidade e enunciação: o livro das Confissões de Santo Agostinho. **Boletim informativo da ANPOLL**, Goiânia, n. 22, p.138-139.
- GAGNEBIN, J. M. "Dizer o tempo". In: SETE aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HUBY, J. *Christus* – História das religiões. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Edições Saraiva, 1956. v. 4.
- INÁCIO, I. C.; LUCA, T. R. **O pensamento medieval**. São Paulo: Ática, 1991.

JUÁREZ, A. U. **San Agustín**. Madrid: Ediciones del Orto, 1996.

MISIARA, A. P. Confissões. In: “**Miscelânea Universitas**”. Atualidade de Santo Agostinho. Sorocaba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1955.

NOVAES, M. **A razão em exercício**: estudo sobre a filosofia de Agostinho. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.

PEGUEROLES, J. **El pensamiento filosófico de San Agustín**. Barcelona: Calabria, 1972.

RICOUER, P. “As aporias da experiência do tempo. O livro XI das Confissões de Santo Agostinho”. In: **Tempo e narrativa**. Trad. de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1997.

RUSSEL, B. **História da filosofia ocidental**. Trad. de Brenno Silveira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1957. (Coleção Pensamento Científico).

SANTOS, T. M. **Manual de filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1957.

TAYLOR, C. As fontes do self. A construção da identidade moderna. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. Cambridge: Harvard University Press. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

TOMAZ, C.; COSTA, J. “Neurociência e memória”. **Humanidades em revista**, Brasília. v. 48; p. 146 –160, 2001.

WEINRICH, H. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.